

A organização do cotidiano na orla de João Pessoa: um olhar etnometodológico da prática do voluntariado

Marcelo de Souza Bispo

Irley Suellen Alcântara e Santos

INTRODUÇÃO

Na área de administração, no âmbito brasileiro, a palavra organização assumiu no contexto empresarial e, por muitas vezes, no meio acadêmico um significado sinônimo ao de empresa. Tal situação faz com que muitas pessoas, acadêmicos ou não, utilizem a palavra organização com este significado de empresa sugerindo que tal posição é definitiva. Todavia, esta questão desperta algum incômodo em um grupo de pesquisadores que se debruçam intensamente aos estudos das



organizações de maneira mais ampla e complexa. Esta discussão ontológica com importantes desdobramentos epistemológicos e metodológicos abre espaço para considerar não só as práticas de sujeitos inseridos em organizações (empresas), mas também de atores sociais que fazem parte da vida social organizada, o que abre possibilidades para refletir acerca das práticas cotidianas desses atores que não necessariamente devem ser compreendidos do “lugar” determinado pela teoria organizacional hegemônica da administração, em especial a estadunidense.

A partir desta reflexão inicial, este artigo busca apresentar e discutir a partir de pressuposto de organização para além da hegemonia do conceito adotado na administração em que a palavra “organização” é entendida como um substantivo ou, ainda, é associada a um adjetivo de algo “organizado”. Aqui a palavra “organização” está mais próxima da ideia de movimento, complexidade e ação, ou seja, é compreendida como um verbo associada ao entendimento de um “processo de organizar” (*organizing*) contínuo em que a “organização” é construída, perpetuada e modificada no cotidiano a partir das práticas (WEICK, 1967; CZARNIAWSKA, 2008).

Assim como o conceito de organização, o conceito de prática adotado neste artigo também não está próximo ao que é considerado usualmente no senso comum em

que prática é sinônimo de rotina (GEIGER, 2009). Aqui a prática é entendida como o resultado da ação cotidiana de um conjunto de atores sociais engajados em um objetivo comum e que sua concretização deriva não apenas das interações entre pessoas, mas também com artefatos simbólicos que influenciam e identificam tais práticas. Além das influências teóricas dos conceitos de *organizing* (WEICK, 1967; CZARNIAWSKA, 2008) e prática social (GHERARDI, 2006, 2012; BISPO, 2013), também nos apoiam os fundamentos da etnometodologia (GARFINKEL, 2006) e da teoria ator-rede (LATOUR, 2005). Esta última, enquanto uma teoria da prática, especialmente no entendimento de que atores sociais são tanto os elementos humanos quanto os não-humanos (objetos e artefatos) na construção de um processo organizativo.

Orientados por estes pressupostos, os autores deste artigo conduziram uma pesquisa etnometodológica na orla da cidade de João Pessoa/PB com vistas a investigar fenômenos sociais cotidianos pertencentes a este espaço a partir dos usos atribuídos pelos moradores da cidade. O objetivo principal da pesquisa foi identificar uma prática referente ao uso cotidiano da orla de João Pessoa pelos moradores da cidade e analisar de que maneira esta prática se constitui como uma organização. Sob esta perspectiva, após algum período de imersão no campo e obedecendo o pressuposto de indiferença etnometodológica (GARFINKEL, 2006), foi identificada e eleita a prática do voluntariado que acontece na praia

peçoense do Cabo Branco que se tornou o objeto de estudo aqui apresentado. A pesquisa de campo durou quatro meses e adotou estratégias de investigação próprias da etnometodologia (GARFINKEL, 2006; BISPO; GODOY, 2012; OLIVEIRA; MONTENEGRO, 2012; MACCALI; NIADA; TAKAHASHI, 2013).

A opção por estudar a orla como espaço organizacional é fruto da complexidade social, econômica, ambiental e política que este tipo de espaço envolve. Os diversos usos sociais e econômicos atribuídos para locais como este o caracterizam como relevante para estudos de múltiplas áreas do saber como administração, turismo, meio ambiente, etc. Anualmente, o Instituto Fecomércio de Pesquisas da Paraíba - IFEP publica seu estudo sobre o desempenho do turismo na Região Metropolitana de João Pessoa (RMJP), de acordo com esta pesquisa em 2013, visitar as praias da região metropolitana de João Pessoa foi apontado por 57,06% dos entrevistados como a principal motivação de turismo para a cidade e em segundo lugar, ficou a visita de parentes e amigos. Vale lembrar que o uso da orla é feito tanto por turistas como por moradores locais, estes últimos tanto com fins sociais quanto econômicos.

Além desta introdução, o artigo apresenta no referencial teórico a socioprática, organizações, etnometodologia, cotidiano e voluntariado. Em seguida é

apresentado o percurso metodológico seguido da apresentação e análise dos resultados e depois as considerações finais.

O COTIDIANO DA PRÁTICA DE ORGANIZAR E ORGANIZAR NA PRÁTICA

Pensar organizações enquanto campos simbólicos nos quais as pessoas convivem em constante interação, mediada pela linguagem e que promove a construção de significado e sentido para suas atividades cotidianas, contribui para ampliar a discussão e compreensão do conceito de organizar assim como de organizações (HATCH; YANOW, 2003; CZARNIAWSKA, 2008; BISPO; GODOY, 2012).

O dia a dia das organizações é composto pela negociação entre pessoas e grupos na criação do conhecimento, o que envolve o significado das palavras, ações, situações e os artefatos materiais. Todos estes elementos participam e contribuem para o mundo social culturalmente estruturado e constantemente reconstituído pelas atividades de todos aqueles atores que as compõem (GHERARDI, 2006, 2012; CZARNIAWSKA, 2008). Assim, os Estudos baseados em Prática – EBP – fornecem suporte epistemológico-teórico-metodológico para pesquisar a aprendizagem coletiva e entender como ocorre o processo de “organizar” dos atores sociais, dando atenção especial para a prática cotidiana dos mesmos.

O estudo da vida social a partir das práticas não é algo, necessariamente, novo. Segundo Nicolini, Gherardi e Yanow (2003) a noção de prática, na sua essência filosófica, está baseada em quatro grandes áreas do saber – na tradição marxista, na fenomenologia e no interacionismo simbólico, além do legado de Wittgenstein, entre as quais podem ser citados fenômenos como: conhecimento, significado, atividade humana, poder, linguagem, organizações, transformações históricas e tecnológicas que assumem lugar e são componentes do campo das práticas para aqueles que delas compartilham. Sob o ponto de vista sociológico, o qual sustenta o referencial teórico deste artigo, Gherardi (2006, 2012) destaca as reflexões e contribuições teóricas de Bourdieu, Giddens e Garfinkel como autores que influenciaram substancialmente o movimento dos Estudos Baseados em Prática (EBP). Um resumo das principais ideias de Bourdieu, Giddens e Garfinkel em relação ao conceito de prática está presente no quadro 1.

Quadro 1 – O conceito de prática para Bourdieu, Giddens e Garfinkel

Autor	Conceito de Prática
Bourdieu	A teoria de prática para Bourdieu está na relação entre as práticas dos atores e as estruturas objetivas sociais introduzidas que são mediadas pelo conceito de <i>habitus</i> entre estas duas dimensões que ocorre de forma tácita (BOURDIEU, 1977).
Giddens	As práticas para Giddens são entendidas como procedimentos, métodos ou técnicas que são executadas de forma hábil pelos agentes sociais, o que sugere uma certa relação com as preocupações dos etnometodologistas (GIDDENS, 1984).
Garfinkel	As práticas são realizações contingentes em que todo o ambiente deve ser entendido como auto-organizador no que diz respeito ao seu reconhecimento e ordem social (GARFINKEL, 2006).

Fonte: Bispo (2013).

Com o intuito de atender a proposta deste artigo, optou-se nesta pesquisa por adotar as influências do pensamento etnometodológico de Garfinkel por ser, entre os autores apresentados no quadro 1, aquele que dá maior destaque às influências das práticas no organizar do cotidiano. Em outras palavras, a etnometodologia é uma perspectiva teórica que busca estudar o ordenamento dos fenômenos oriundos das ações no cotidiano de uma maneira que descreve e explica suas origens e motivações por meio das práticas.

Oliveira e Montenegro (2012) assim como Bispo e Godoy (2012) defendem a etnometodologia como relevante para os estudos organizacionais em razão da discussão da natureza das organizações enquanto produtos de uma realidade socialmente construída a partir das interações dos elementos humanos e não-humanos (LATOUR, 2005) pautadas em um contexto intersubjetivo de

compartilhamento de significados. Para estes autores, as organizações são constituídas por pessoas e artefatos em suas práticas cotidianas em um processo constante de construção e reconstrução.

O termo etnometodologia refere-se à “metodologia de todo dia” sendo que *etno* significa membro de um grupo ou do próprio grupo em si e *metodologia* que se refere aos métodos dos membros. Assim, a etnometodologia diz respeito às efetivas práticas situadas (PSATHAS, 2004). Os estudos etnometodológicos têm forte apelo pela compreensão do cotidiano e como este se constitui de maneira naturalística a partir das práticas cotidianas de um grupo, uma organização. Desse modo, na visão etnometodológica, os atores sociais do contexto estudado ganham destaque frente aos pesquisadores na construção e compreensão do conhecimento no cotidiano. Assim, a busca do etnometodólogo é pela compreensão de como o cotidiano é organizado e como os problemas são detectados e resolvidos pelos membros em um contexto coletivo (RAWLS, 2008).

A Sociologia, à luz da etnometodologia, considera atos sociais como realizações práticas que não se constituem em um objeto estável, mas um produto da atividade contínua das pessoas que colocam em prática o seu “saber fazer”, seus procedimentos e regras de conduta. Em outras palavras, trata-se de uma sociologia profana por estar distante dos pressupostos positivistas e

estruturalistas que formaram a base sociológica no seu início (COULON, 2005; BISPO; GODOY, 2012; MACCALI; NIADA; TAKAHASHI, 2013).

Para Atkinson (1988) a grande diferença entre a etnometodologia em relação às demais teorias sociais está no grau de atenção e relevância dada ao trabalho no que tange às atividades cotidianas e às práticas oriundas dele. De acordo com o autor os pesquisadores, de modo geral, dão maior foco as regras organizacionais – formais e informais – no desenvolvimento de carreira e identidade, nas negociações de divisão do trabalho, em detrimento das práticas em si. Dessa forma a abordagem etnometodológica procura compreender detalhadamente a competência prática naturalística de assuntos específicos que são organizados na ação.

Maynard e Clayman (1991) apontam que a base da etnometodologia está nas atividades práticas pelas quais os atores produzem e reconhecem as circunstâncias em que estão inseridos, devido ao sentido que as práticas têm para esses atores. Assim, o principal objetivo etnometodológico é investigar os processos de realização das atividades, preocupando-se com o comportamento dos indivíduos envolvidos.

Coulon (2005, p.32) define a etnometodologia como “a busca empírica dos métodos empregados pelos indivíduos para dar sentido e, ao mesmo tempo, realizar suas ações de todos os dias: comunicar-se, tomar decisões, raciocinar”. Para o autor, a etnometodologia analisa as crenças e os comportamentos do senso comum como componentes necessários para toda conduta socialmente organizada.

Ao buscar realizar uma síntese sobre a etnometodologia, Coulon (2005, p. 34) afirma que:

No lugar de formular a hipótese de que os atores seguem as regras, o interesse da Etnometodologia consiste em colocar em dia os métodos empregados pelos atores para “atualizar” ditas regras. Isto as faz observáveis e descritivas. As atividades práticas dos membros, em suas atividades concretas, revelam as regras e os procedimentos. Dito isto de outra forma, a atenta observação e análise dos processos levados a cabo nas ações permitiriam colocar em dia os procedimentos empregados pelos atores para interpretar constantemente a realidade social para inventar a vida em uma bricolagem permanente.

Esta definição destaca o valor que as atividades práticas têm para a etnometodologia, ou seja, adotar uma postura etnometodológica é buscar compreender a sociedade tomando como referência as práticas cotidianas de um grupo, ou de uma comunidade. Isto implica dizer que o saber não se constrói com

observações “imparciais” fora do contexto do objeto de estudo, mas é na interação com o meio, na busca por compartilhar o sentido que o significado das práticas têm para a construção de uma interpretação coletiva da realidade.

Coulon (2005) aponta cinco conceitos-chave que são base para a etnometodologia: são as ideias de prática (realização), indicialidade, reflexividade, *accountability* (relatabilidade) e a noção de membro que estão brevemente descritos no quadro 2 elaborado por Bispo (2011).

Quadro 2 – Os cinco conceitos-chave da etnometodologia

Conceito	Conteúdo
Prática / Realização	Indica a experiência e a realização da prática dos membros de um grupo em seu contexto cotidiano, ou seja, é preciso compartilhar desse cotidiano e do contexto para que seja possível a compreensão das práticas do grupo.
Indicialidade	Refere-se a todas as circunstâncias que uma palavra carrega em uma situação. Tal termo é adotado da linguística e denota que, ao mesmo tempo, em que uma palavra tem um significado, de algum modo “genérico”, esta mesma palavra possui significação distinta em situações particulares, assim, a sua compreensão, em alguns casos, necessita que as pessoas busquem informações adicionais que vão além do simples entendimento genérico da palavra. Trata-se da linguagem em uso.
Reflexividade	Está relacionada aos “efeitos” das práticas de um grupo, trata-se de um processo em que ocorre uma ação e, ao mesmo tempo, produz uma reação sobre os seus criadores.
Relatabilidade	É como o grupo estudado descreve as atividades práticas a partir das referências de sentido e significado que o próprio grupo possui, pode ser considerada como uma “justificativa” do grupo para determinada atividade e conduta.
Noção de membro	O membro é aquele que compartilha da linguagem de um grupo, induz a uma condição de “ser” do e no grupo e não apenas de “estar”.

Fonte: Bispo (2011).

Estes cinco conceitos-chave da etnometodologia são os norteadores do pensamento de Garfinkel (2006) e são tomados como referência para o pensar etnometodológico. O conjunto destes conceitos é que possibilita a prática da sociologia Garfinkeliana, ou seja, a noção de profana direciona a ênfase que se dá em compreender a construção do cotidiano a partir de elementos do senso comum de uma determinada coletividade, assim como valorizar a organização naturalística de um grupo social por meio de suas práticas. O autor considera que as práticas são situações definidas por expectativas constituídas, não nas pessoas, mas em uma ordem de ações em que suas propriedades estão situadas em grupos e métodos que definem esse grupo, ou seja, não está em motivações individuais para a criação de sentido –*sensemaking*– (BISPO; GODOY, 2012).

De acordo com Heritage (1987) a constituição das práticas está diretamente relacionada ao conhecimento que os atores utilizam em cenários cotidianos que não podem ser analisados de forma distanciada dos cursos de ação nos quais este cenário é influenciado, mantido e validado. O autor aponta que os esforços de Garfinkel ao longo da vida foram no sentido de questões conceituais relevantes da sociologia (como a teoria da ação social), a natureza da intersubjetividade e a constituição social do conhecimento.

Para Garfinkel essas questões são complexas e interligadas de modo que ampliam as possibilidades teóricas e metodológicas no entendimento da organização social. Assim, o objetivo foi separar a teoria da ação de sua preocupação tradicional com enfoque em elementos motivacionais e trazê-la para um espaço de compreensão de como os atores sociais de forma consciente, ou não, reconhecem, produzem e reproduzem ações e estruturas sociais. Desse modo, Garfinkel defende que as atividades que os membros produzem e dirigem no seu cotidiano, para suas ocupações, que representam a sua forma de organizar enquanto grupo, são as mesmas que esses membros utilizam para tornar esta forma de organizar explicável. Assim, foi possível chegar a uma nova compreensão e tratamento de como as pessoas contribuíam para as realidades socialmente explicáveis das quais elas faziam parte, além da apropriação dessas realidades (HERITAGE, 1987).

OS ESTUDOS SOBRE VOLUNTARIADO

Os estudos sobre voluntariado estão em crescimento no Brasil e já possuem maior tradição no contexto internacional, especialmente na academia norte americana (PICCOLI; GODOI, 2012; MASCARENHAS; ZAMBALDI; VARELA, 2013). No âmbito internacional, muitos trabalhos buscaram identificar motivações para o trabalho voluntário (CNAAN; GOLDBERG-GLEN, 1991; CLARY; SNYDER; RIDGE, 1992; PENNER, 2002; JIMENÉZ; FUERTEZ; ABAD, 2009), sempre com foco nas razões individuais

para tal atividade. Nos trabalhos brasileiros, as pesquisas seguem a mesma lógica na busca da compreensão do comportamento do indivíduo voluntário (MASCARENHAS; ZAMBALDI, 2002; TEODÓSIO, 2002; MONIZ; ARAÚJO, 2008; CAVALCANTE *et al.*, 2011; PICCOLI; GODOI, 2012; MASCARENHAS; ZAMBALDI; VARELA, 2013).

Ações que visam a melhoria social, em especial no âmbito empresarial, começam a ganhar espaço a partir dos anos 1990 no Brasil. A ideia de “cidadania empresarial” em que se estabelece um compromisso entre empresa e sociedade por meio de uma ética nas práticas empresariais em que meio ambiente e as comunidades do entorno começam a receber mais atenção por parte do meio empresarial. É nesse contexto que o voluntariado ganhou espaço na segunda metade dos anos 1990 como uma forma de possibilitar a ação das empresas no que se refere ao cuidado social (MASCARENHAS; ZAMBALDI; VARELA, 2013).

Além das ações sociais das empresas com fins lucrativos, Cavalcante *et al.* (2011) afirmam que o crescimento de organizações sociais e solidárias é oriundo dos problemas enfrentados pela sociedade que são reflexo da incapacidade de financiamento do Estado e ao aumento da competitividade no mercado. Para os autores, as organizações sociais objetivam reduzir as mazelas criadas pelo sistema vigente.

Entretanto, no contexto desta pesquisa, a discussão acerca do voluntariado assume como pressuposto de que ele é uma prática social coletiva e criadora de organizações em torno desta prática, portanto não busca fazer nenhuma discussão da motivação para ação dos voluntários em si. Posto de outra maneira, este artigo busca compreender o voluntariado como organização cotidiana e não a motivação dos voluntários de maneira isolada. Assim, assume-se o voluntariado como uma comunidade de prática (LAVE; WENGER, 1991; BROWN; DUGUID, 1991; GHERARDI, 2006, 2012; BISPO, 2013) em que a organização é compreendida a partir do agir cotidiano de um conjunto de pessoas que compartilham de um mesmo interesse e objetivo sem, necessariamente, estarem vinculadas a uma instituição formal.

PERCURSO METODOLÓGICO

A estratégia metodológica para condução desta pesquisa foi a etnometodologia (GARFINKEL, 2006; RAWLS, 2008; BISPO; GODOY, 2012; OLIVEIRA; MONTENEGRO, 2012; MACCALI; NIADA; TAKAHASHI, 2013) em razão do interesse dos autores deste artigo em compreender como ocorrem os vários usos da Orla de João Pessoa no seu cotidiano.

Para Rawls (2008) o etnometodólogo não deve formular perguntas e problemas antes de ingressar no campo de investigação. O pesquisador deve estar atento aos “métodos” que os participantes utilizam para fazer algo inteligível, não havendo espaço para concepções *a priori*. A ideia é utilizar algo próximo ao conceito de “suspensão” adotado na fenomenologia para que seja possível a compreensão de “como” são as práticas cotidianas e qual é o significado e sentido delas para os membros do grupo em investigação. No contexto da etnometodologia Garfinkel (2006) denomina esse processo como indiferença etnometodológica. A principal preocupação do pesquisador ao ir a campo deve ser a do exercício da observação e compreensão de como os membros de um grupo agem a partir do seu ponto de vista, apoiando-se nas referências sociais que possuem.

Assim, no começo desta pesquisa não havia uma prática *a priori* a ser pesquisada e o voluntariado emergiu como resultado do exercício da indiferença etnometodológica e, entre outras práticas identificadas, foi eleita para ser apresentada neste artigo. Portanto, trata-se de uma pesquisa de cunho qualitativo em que a coleta dos dados se deu por meio de observação participante, notas de campo e conversas informais. Tal estratégia visou colocar os pesquisadores na condição de *insider* no contexto do objeto pesquisa com o objetivo de verificar a ação natural das pessoas durante o uso da orla.

Com o objetivo de identificar os usos que a população local faz da orla da cidade, iniciou-se a pesquisa de campo entre maio e agosto de 2013, as praias selecionadas para realizar a pesquisa foram Manaíra, Tambaú e Cabo Branco, em virtude de serem as praias da orla mais frequentadas em João Pessoa - PB segundo uma pesquisa realizada em 2013 pelo Instituto Fecomércio de Pesquisas Econômicas e Sociais da Paraíba - IFEP.

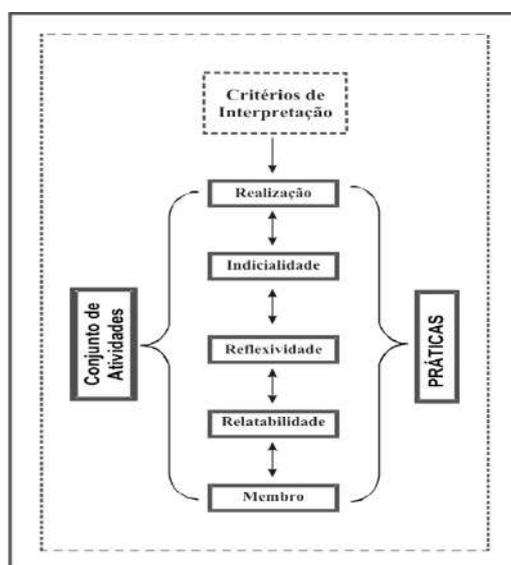
As visitas ao campo ocorreram em dias variados da semana (segunda a domingo) e em horários distintos que duravam entre duas e três horas durante o período da pesquisa, totalizando aproximadamente 150 horas de observação em 50 visitas. No primeiro momento, as idas à orla se restringiram apenas à observar o ambiente praiano e identificar quais as formas de utilização da orla. Durante o período de observação era feito o registro no caderno de notas de todas as informações julgadas relevantes. As notas de campo foram feitas em um pequeno caderno durante as visitas e eram digitadas no mesmo dia ou no dia seguinte (dependendo do horário de imersão no campo) e geraram 120 páginas digitadas. Os dados registrados descreviam o estado que a praia se encontrava naquele instante, com informações referentes ao clima, ao período, ao fluxo de pessoas, aos usos identificados, ao perfil das pessoas que estavam ali naquele momento e as impressões dos autores sobre o que foi experienciado.

Nas últimas cinco semanas, a coleta de dados se deu principalmente por meio de conversas informais, com o intuito de reconhecer as formas que as pessoas se organizam na orla a partir do que tinha sido observado até aquele momento. Neste período houve conversas com oitenta pessoas moradores de João Pessoa e que frequentavam a orla constantemente. Nesta etapa as pessoas eram abordadas aleatoriamente, de maneira informal, na tentativa de colher informações sobre a sua relação com a orla. Quando identificados como frequentadores da orla, a conversa era direcionada ao entendimento de como eram as suas atividades e preferências na orla. Na sequência, antes de sair do campo, eram feitas anotações com o intuito de relatar as principais experiências vivenciadas para análise posterior. Além das notas de campo, algumas das conversas foram gravadas (total de 11), quando autorizadas pelos entrevistados, e 37 fotos foram feitas para contribuição no processo de análise dos dados. As fotos serviram para ilustrar os processos organizativos identificados e ajudar a explicar a interação entre as pessoas com os objetos e artefatos existentes na orla.

Os dados foram analisados a partir da proposta de Bispo (2011) conforme ilustra a figura 1. Esta proposta de análise consiste, basicamente, em identificar um conjunto de atividades que articuladas constituem uma prática a partir dos cinco conceitos-chave da etnometodologia. Portanto, cada conjunto de atividades foi

analisado considerando seus aspectos de realização, indicialidade, reflexividade, relatabilidade e a identificação dos membros. Na apresentação dos resultados é possível verificar com maior clareza como o método de análise foi empregado.

Figura 1 – Proposta de estratégia de interpretação de dados à luz da etnometodologia



Fonte: Bispo (2011).

ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Após o período de campo foram identificadas três práticas distintas em cada uma das praias visitadas, ou seja, uma em Cabo Branco, outra em Tambaú e mais uma em Manaíra. Todavia, no contexto deste artigo, será apresentada a prática

identificada na praia de Cabo Branco que trata do voluntariado em razão do espaço disponível.

A prática social selecionada para este artigo, intitulada como “prática de voluntariado na orla do Cabo Branco”, originou-se a partir de um projeto social que visa incluir pessoas portadoras de deficiência física na sociedade, oferecendo a elas acesso à arte, cultura, esporte e lazer no ambiente da orla. A ação de inclusão social trouxe pessoas portadoras de deficiência à orla da cidade. O principal motivo para a análise desta prática foi oriundo da ideia de que a praia, assim como a orla, é um ambiente e patrimônio público, para todos. No entanto, para os autores ficou a questão se esta afirmação corresponde à realidade no uso cotidiano da orla pessoense.

Durante a realização da pesquisa, foi observado que a presença de pessoas portadoras de deficiência no ambiente da orla era consideravelmente baixa. Todavia, durante uma visita em campo, foi descoberto o projeto “Acesso Cidadão” que é um programa idealizado pela ONG AC – Social (Assessoria e Consultoria pela Inclusão Social), que está sendo desenvolvido desde 2011 em parceria com o governo do Estado da Paraíba – através da Fundação Casa de José Américo e da Fundação Centro Integrado de Apoio ao Portador de Deficiência (Funad), além de

contar com o apoio da Prefeitura Municipal de João Pessoa – por meio da Secretaria de Planejamento.

Com o intuito de melhor evidenciar como se deu a análise da prática do voluntariado no contexto da praia do Cabo Branco foi elaborado o quadro 3. A partir dele é possível identificar como cada conjunto de atividades foi analisado etnometodologicamente assim como ampliar a compreensão dos resultados apresentados na sequência desta seção.

A partir dos critérios apresentados e da identificação do Projeto Acesso Cidadão, algumas atividades foram chamando a atenção dos pesquisadores como, por exemplo, a presença mais assídua de pessoas portadoras de deficiência na orla de Cabo Branco, nos dias de sábado no período da manhã resultado do projeto. Com o passar do tempo, as pessoas portadoras de deficiência foram aprendendo a partir do primeiro contato naquele espaço que elas poderiam ter acesso ao lazer por meio de diversas atividades físicas e esportivas que são desenvolvidas na orla. Com isso, perceberam que por intermédio do apoio dado pelos voluntários e profissionais do projeto, elas teriam um suporte que as ajudaria a frequentar a orla com mais assiduidade (notas de campo).

Quadro 3 – Análise etnometodológica da prática organizativa de voluntariado

Critérios para análise etnometodológica	Descrição do Conceito	Análise na Prática Organizativa de Voluntariado
Realização	Indica a experiência e a realização da prática dos membros de um grupo em seu contexto cotidiano, ou seja, é preciso compartilhar desse cotidiano e do contexto para que seja possível a compreensão das práticas do grupo.	Está representada pela experiência adquirida no cotidiano da prática do voluntariado pelos membros do grupo a partir das atividades esportivas desenvolvidas na orla de modo que a prática em si é a interação dos membros deficientes com os não deficientes (elementos humanos) e os elementos não-humanos (cadeira anfíbio, caiaque, rede de vôlei, bola, areia, água do mar, o sol, etc.) gerando uma prática organizativa única. A prática se constrói na relação de interdependência dos elementos humanos e não-humanos de modo que o processo de aprendizagem da organização em torno da prática evidencia que não há superioridade na relação dos membros e sim uma complementariedade gerada nas trocas sociais promovidas pela prática do voluntariado.

A ORGANIZAÇÃO DO COTIDIANO NA ORLA DE JOÃO PESSOA:
UM OLHAR ETNOMETODOLÓGICO DA PRÁTICA DO VOLUNTARIADO

Indicialidade	<p>Refere-se a todas as circunstâncias que uma palavra carrega em uma situação. Tal termo é adotado da linguística e denota que, ao mesmo tempo, em que uma palavra tem um significado, de algum modo "genérico", esta mesma palavra possui significação distinta em situações particulares, assim, a sua compreensão, em alguns casos, necessita que as pessoas busquem informações adicionais que vão além do simples entendimento genérico da palavra. Trata-se da linguagem em uso.</p>	<p>A palavra que mais chama atenção no contexto deste estudo é o uso da palavra é "calçadinha". A calçadinha é o nome utilizado por grande parte dos moradores de João Pessoa para denominar o ambiente da orla. Tal expressão chama atenção porque ao utilizá-la no diminutivo, pessoas que não conhecem o lugar podem imaginar que se trata de um espaço pequeno, quando na verdade, a orla cobre todo o litoral da cidade.</p>
Reflexividade	<p>Está relacionada aos "efeitos" das práticas de um grupo, trata-se de um processo em que ocorre uma ação e, ao mesmo tempo, produz uma reação sobre os seus criadores.</p>	<p>A principal característica de reflexividade identificada na pesquisa foi a sensação de bem-estar que a ação voluntária provocou em novatos que posteriormente se tornaram membros e fizeram da atividade voluntária algo presente no seu cotidiano. Dessa maneira, a reflexividade está representada tanto na captação de novos membros como na ampliação da organização em torno da prática do voluntariado.</p>

Relatabilidade	É como o grupo estudado descreve as atividades práticas a partir das referências de sentido e significado que o próprio grupo possui, pode ser considerada como uma "justificativa" do grupo para determinada atividade e conduta.	As principais justificativas identificadas durante a pesquisa para a prática do voluntariado foram a sensação de bem-estar causada nos membros somada aos relatos de como ambos, deficientes e não deficientes, aprendem uns com os outros durante a interação na prática do voluntariado.
Noção de Membro	O membro é aquele que compartilha da linguagem de um grupo, induz a uma condição de "ser" do e no grupo e não apenas de "estar".	No contexto desta pesquisa são os voluntários e deficientes físicos legitimados pelo grupo. Os novatos precisam passar pelo processo de legitimação periférica até ganhar a condição de membro.

Fonte: Elaborado pelos autores.

Para conhecer as ações que eram desenvolvidas no local, visitou-se algumas vezes o projeto, em uma destas visitas houve uma conversa com uma fisioterapeuta voluntária que comentou detalhadamente sobre as atividades praticadas naquele ambiente:

(...) tem o vôlei sentado, que tá super bombando, é um esporte que dá pra gente jogar, porque a gente se adapta a como eles são, né?! Porque não dá pra gente jogar vôlei em pé, com essas pessoas, por conta das suas limitações, das deficiências que eles têm, então tem as regras do vôlei sentado e tal, inclusive tem um voluntário, Ricardo, que trabalha com esse projeto lá no Unipê (Centro Universitário João Pessoa), e trouxe pra cá pra gente desenvolver. Fora o vôlei sentado tem o surf adaptado, que

A foto 2 mostra pessoas portadoras e não portadoras de deficiência físicas praticando a atividade do vôlei sentado. Esta atividade é bastante desenvolvida no local, como já foi mencionado em depoimento de uma das voluntárias do projeto.

Desta forma, ficam claras as diversas formas de utilização da orla por estas pessoas portadoras de deficiência. Durante seu depoimento, uma estudante de fisioterapia falou do quanto é gratificante poder proporcionar alegrias para aquelas pessoas que muitas vezes são excluídas pela sociedade. Afirmou que não ganhava nada financeiramente, mas que ver aquelas pessoas ali, felizes, era o maior pagamento que poderia receber. Uma das curiosidades levantadas pelos pesquisadores foi quantas pessoas, em média, eles recebiam em cada sábado no horário das 07h às 12h, e ela respondeu:

Cada sábado tem as pessoas fixas, que sempre comparecem, então a gente vem por elas, porque sabemos que elas sempre vão estar aqui, são em torno de mais ou menos cinco (...) mas quando tem evento isso aqui lota, tem banda as vezes aqui, tem inclusive a banda. Acredite, é uma banda de deficientes, inclusive é ótima essa banda, e as vezes essa banda está aqui, ai toca e tal, ai é bem bacana. Vem sempre novos deficientes que não conhecem o projeto, já veio inclusive pessoas de Santa Rita (...) veio em tono de uns sete, por ai, eles ficaram encantados com o projeto, inclusive já vieram outras vezes.

A ORGANIZAÇÃO DO COTIDIANO NA ORLA DE JOÃO PESSOA:
UM OLHAR ETNOMETODOLÓGICO DA PRÁTICA DO VOLUNTARIADO

Foto 2 – Vôlei sentado entre pessoas portadoras e não portadoras de
deficiência



Fonte: Dados da pesquisa.

Falou ainda da dimensão do projeto:

(...) Teve muitos eventos já aqui. Ai a Fundação José Américo e a Prefeitura oferecem café da manhã. Às vezes lota isto daqui. É uma estrutura muito grande quando tem um evento (...).

Em uma conversa com um representante da Funad no projeto, ele relatou que todo sábado aparecem pessoas novas que querem conhecer e participar do projeto, ou seja, sempre tem novas pessoas se inserindo no projeto, tanto portadoras de deficiência, como voluntários. O mesmo afirmou ainda que todo

sábado comparecem no mínimo seis voluntários, além da equipe fixa de profissionais que estão sempre lá. Esta declaração despertou atenção por representar, na opinião dos pesquisadores, a concretização da prática do voluntariado. Além das pessoas portadoras de deficiência que comparecem assiduamente aos sábados na praia de Cabo Branco, outras pessoas, já estabeleceram um vínculo forte com o projeto. Para muitos ir à praia aos sábados virou um comportamento automático, como é o caso da estudante de fisioterapia mencionada anteriormente, que retratou o seguinte em outro dia de visita a orla:

(...) Ser voluntário é muito prazeroso, a gente tá aqui de coração aberto. Às vezes tem coisa pra fazer da faculdade, e a gente deixa de fazer pra tá aqui, porque é muito prazeroso, é muito gratificante (...).

A fala retrata bem como as ações destas pessoas que se dispõem a estar ali todo sábado para ajudar a tornar a praia mais acessível. Em conversa informal, a voluntária relatou que não deixa nunca de ir, faça chuva ou faça sol ela sempre está lá, é algo automático que já está enraizado no seu comportamento. Quando questionada sobre como uma pessoa pode ingressar na voluntariado ela deu a seguinte resposta:

(...) Pra você ser voluntário do AC - Social você tem que ter vontade de estar aqui, de ajudar, você tem que se dispor, aprender a manusear as

cadeiras, colocar as pessoas na cadeira, entrar no mar, sair, se divertir, querendo ou não, não deixa de ser um lazer. Pra você ser voluntário você vem, entra, a gente que já é voluntário vai fazendo, e você vai observando e vai fazendo do mesmo jeito, foi isso que aconteceu comigo quando eu entrei. Eu não passei por curso nenhum, fui aprendendo com a prática, só que, o legal é você fazer um curso, por exemplo, de salvavidas, este curso é oferecido pela Fundação, é curso onde os bombeiros vem e vão passando as noções de primeiros socorros, no caso de haver algum afogamento, o que deve fazer (..).

Podemos perceber por meio da fala acima como se dá o processo de aprendizagem dos voluntários que aderem ao projeto. A estudante enfatizou que o ideal é fazer um curso de noções de primeiros socorros, mas que aprender a lidar com as pessoas com deficiência é um processo que vai acontecendo no cotidiano, em que os novatos aprendem observando o modo de agir dos voluntários mais antigos e por meio do *feedback* que os eles vão repassando. Para Gherardi (2006, 2012), casos como este representam a aprendizagem por meio de dicas ou recursos de astúcia para desenvolver o trabalho, está relacionado à observação das “pessoas modelo” que executam seus trabalhos de forma exemplar. Estas pessoas são consideradas como referência dentro do grupo e por isto, devem ter seus comportamentos observados e reproduzidos pelos outros participantes, sob o ponto de vista etnometodológico estas pessoas são membros do grupo e suas ações (realização) promovem um processo de reflexividade

(GARFINKEL, 2006; COULON, 2005; BISPO; GODOY, 2012) em que simultaneamente as ações dos membros referência influenciam a organização do voluntariado como um todo e conseqüentemente os novatos que ainda buscam consolidar sua posição como membros. Dentro do projeto Acesso Cidadão as “pessoas modelo” são aquelas mais antigas e que estão na praia todos os sábados, como é o caso da estudante de fisioterapia que citei anteriormente e do representante da Funad, no projeto (notas de campo).

Os conhecimentos partilhados por esta comunidade (organização) dizem respeito, especialmente ao comportamento que os voluntários devem adotar em relação às pessoas portadoras de deficiência. A cada novo contato, através da interação entre eles, por meio das trocas de experiências, eles melhoram o desenvolvimento de suas atividades, atendendo da melhor forma possível as pessoas envolvidas no projeto (notas de campo). Esta ideia nos remete ao conceito de *learning in practice* (GHERARDI, 2006, 2012; BISPO, 2011; BISPO; GODOY, 2012) em que o conhecimento coletivo é construído por meios da participação dos atores sociais em comunidades de prática ou, como discutem Gherardi (2009) e Nicolini (2013), prática de uma comunidade. Ou seja, as pessoas vão aprendendo por meio do desenvolvimento das atividades cotidianas.

Essas atividades evidenciam que a organização identificada não é, necessariamente, a ONG promotora do projeto em si, mas interação dos elementos humanos e não-humanos (por exemplo, as cadeiras anfíbias, as bolas, etc.) que suportam o processo organizativo (*organizing*) do "voluntariado". Em outras palavras, é o processo organizativo que constitui a prática que, por sua vez, evidencia uma organização que se dá em torno da prática. Como já mencionado anteriormente, o que se evidencia não é uma comunidade de prática (uma ONG que faz trabalho voluntário na praia), mas uma prática de uma comunidade (o voluntariado que, de fato, representa a organização). Em resumo, o processo organizativo forma a prática que, por sua vez, forma a organização.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo teve como objetivo Identificar uma prática referente ao uso cotidiano da orla de João Pessoa pelos moradores da cidade e analisar de que maneira esta prática se constitui como uma organização. Após a fase inicial da pesquisa foi identificada a prática do voluntariado na praia de Cabo Branco na orla pessoense a qual foi analisada como uma forma de organização do cotidiano do espaço pesquisado. A prática do voluntariado emergiu a partir das observações dos pesquisadores durante o período de campo na orla de João Pessoa e foi eleita, entre outras identificadas, para apresentação e discussão neste artigo.

Após a identificação do voluntariado como prática, foi feita uma nova revisão de literatura sobre o tema em que foi percebido que no contexto brasileiro a temática ainda é pouco explorada e sua produção está fortemente baseada nas motivações que as pessoas possuem para atuar como voluntários em determinados contextos. A partir de então, foi conduzida uma reflexão que apoiada nas observações no campo, levou os pesquisadores a pensar outros contornos para a prática do voluntariado que não fosse, necessariamente, o aprofundamento das discussões acerca das motivações dos voluntários. Nesse sentido, os resultados apresentados neste artigo se pautam na reflexão e discussão do voluntariado enquanto prática fomentadora de uma organização no uso cotidiano da orla pessoense.

A compreensão do voluntariado como organização oriunda de uma prática composta da interação dos elementos humanos e não-humanos no espaço da orla marítima de João Pessoa nos remete a uma reflexão de interrelação de dois elementos, o primeiro é a organização do voluntariado já comentado e, o segundo, é sobre o próprio voluntariado. As pesquisas realizadas, de modo geral, sobre o tema tendem a focar a motivação individual para o voluntariado. Todavia, nesta pesquisa foi possível notar que o voluntariado não se restringe apenas a intenção de fazer o bem para o "outro" e/ou para si mesmo, como apontam muitos estudos que classificam o voluntariado como algo altruísta e egoísta, mas é algo

que faz parte de uma organização social com várias características próprias, de cada organização voluntária, e que os elementos não-humanos são muito relevantes na compreensão tanto da prática como da organização voluntária.

Tal reflexão implica dizer que olhar apenas a ação humana no contexto do voluntariado nos proporciona uma compreensão parcial da prática em si, uma vez que os elementos não-humanos são importantes tanto na ação específica de alguma atividade voluntária como no impacto simbólico que exerce tanto nos voluntários como nas pessoas que são alvo da ação voluntária.

No âmbito da orla de João Pessoa, existem alguns artefatos como as cadeiras anfíbias, as bolas, as redes de vôlei ou ainda as pranchas de *surf* que são elementos que possibilitam, essencialmente mas não exclusivamente, as atividades eleitas para serem realizadas no ambiente da orla. Por outro lado, a orla que é também uma organização com inúmeras outras atividades simultâneas a do voluntariado, cria no imaginário dos membros envolvidos na prática do voluntariado uma característica especial para a organização que ali está hospedada. Esta característica está ligada ao fato de que o voluntariado não acontece isolado das demais atividades e práticas do cotidiano da orla de modo que e o voluntariado compõe naturalmente a dinâmica de outra organização maior que é a própria orla.

Nesse sentido, esta pesquisa buscou contribuir primeiramente com a percepção de uma organização em torno de uma prática, voluntariado, assim como da possibilidade de entendimento da existência e convivência de múltiplas organizações dentro de uma, neste caso a organização do voluntariado dentro da organização orla que possui outras tantas organizações que convivem no cotidiano. Somado a isto, a pesquisa também traz uma reflexão ampliada da ação voluntária para além dos indivíduos envolvidos nela, inclui na pauta do tema a relevância e importância dos elementos não-humanos tanto na execução das atividades voluntárias como também na influência simbólica para execução das atividades e, especialmente, na construção da organização voluntária em torno da prática.

Como possibilidades de ampliação deste estudo e das reflexões aqui apresentadas, entende-se que é relevante buscar avançar no período de campo junto as atividades do voluntariado pesquisado com o objetivo de melhor identificar o comportamento da própria organização voluntária em torno da prática de modo a perceber os processos de ingresso e legitimação dos novos membros assim como entender de que maneira acontecem os abandonos tanto de voluntários quanto de beneficiados (deficientes físicos) pelo projeto para ampliar a compreensão de organização cotidiana desta prática. Além disso, também é interessante aprofundar o entendimento de como os atores sociais não-humanos

influenciam no processo organizativo da prática do voluntariado do contexto estudado. Assim, ao mesmo tempo que se apresentam como limitações deste estudo, estes pontos também se tornam uma sugestão de agenda para estudos futuros.

REFERÊNCIAS

ATKINSON, P. Ethnomethodology: a critical review. *Annual Review of Sociology*, Palo Alto, v. 14, p. 441-465, 1988.

BISPO, M. S. Estudos baseados em prática: conceitos, história e perspectivas. *Revista Interdisciplinar de Gestão Social*, Salvador, v. 2, n. 1, p. 13-34, jan./abr. 2013.

BISPO, M. S. A compreensão do processo de aprendizagem coletiva influenciada pelo uso da tecnologia em agências de viagens: contribuições dos estudos baseados em prática e da etnometodologia. 2011. 156 p. Tese (Doutorado em Administração) – Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2011.

BISPO, M. S.; GODOY, A. S. A etnometodologia enquanto caminho teórico-metodológico para a investigação da aprendizagem nas organizações. *Revista de Administração Contemporânea*, Rio de Janeiro, v. 16, n. 5, p. 684-704, set./out. 2012.

BOURDIEU, P. *Outline of a theory of practice*. Cambridge: Cambridge Press, 1977. 255 p.

BROWN, J. S.; DUGUID, P. Organizational learning and communities-of-practice: toward a unified view of working, learning and innovating. *Organization Science*, Hanover, v. 2, n. 1, p. 40-57, Feb. 1991.

CAVALCANTE, C. E.; SOUZA, W. J.; CUNHA, A. S. R.; NASCIMENTO M. D. A. Elementos do trabalho voluntário: motivos e expectativas na Pastoral da Criança de João Pessoa/PB. *Revista Eletrônica de Ciência Administrativa, Campo Largo*, v. 10, n. 1, p. 98-110, maio 2011.

CLARY, E. G., SNYDER, M.; RIDGE, R.D. Volunteers' motivations: a functional strategy for the recruitment, placement and retention of volunteers. *Nonprofit Management & Leadership*, Hoboken, v. 2, n. 4, p. 333-350, Summer 1992.

CNAAN, R. A.; GOLDBERG-GLEN, R. S. Measuring motivation to volunteer in human services. *Journal of Applied Behavioral Science*, Thousand Oaks, v. 27, n. 3, p. 269-284, Sep. 1991.

COULON, A. *La etnometodología*. 3 ed. Madrid: Cátedra, 2005. 141 p.

CZARNIAWSKA, B. Organizing: how to study it and how to write about it. *Qualitative Research in Organizations and Management: An International Journal*, Bingley, v. 3, n. 1, p. 4-20, 2008.

GARFINKEL, H. *Studios en etnometodología*. Barcelona: Anthropos, 2006. 400 p.

GEIGER, D. Revisiting the concept of practice: Toward an Argumentative Understanding of Practicing. *Management Learning*, London, v. 40, n. 2, p. 129-144, Apr. 2009.

GHERARDI, S. *How to conduct a practice-based study*. Cheltenham: Edward Elgar, 2012. 256 p.

GHERARDI, S. Practice? It's a matter of taste! *Management Learning*, London, v. 40, n. 5, p. 535-550, Nov. 2009.

GHERARDI, S. Organizational knowledge: the texture of workplace learning. Oxford: Blackwell Publishing, 2006. 292 p.

GIDDENS, A. The constitution of society. Cambridge: Polity Press, 1984. 417 p.

IFEP. Pesquisa anual do comportamento do turismo na região metropolitana de João Pessoa, 2013. Disponível em: <<http://www.fecomercio-pb.com.br>> Acesso em 23 jun. 2013.

HATCH, M. J.; YANOW, D. Organization theory as an interpretative science. In: H. TSOUKAS; C. KNUDSEN (Ed.). The Oxford handbook of organization theory. Oxford: Oxford University Press, 2003. p. 63-87.

HERITAGE, J. C. Ethnomethodology. In: GIDDENS, A.; TURNER, J. (Ed.). Social theory today. Cambridge: Polity Press, 1987. p. 224-272.

LATOUR, B. Reassembling the social: an introduction to actor-network-theory. Oxford: Oxford University Press, 2005. 320 p.

LAVE, J.; WENGER, E. Situated learning: legitimate peripheral participation. Cambridge: Cambridge University Press, 1991. 138 p.

A ORGANIZAÇÃO DO COTIDIANO NA ORLA DE JOÃO PESSOA:
UM OLHAR ETNOMETODOLÓGICO DA PRÁTICA DO VOLUNTARIADO

MACALLI, N.; NIADA, A. C. M.; TAKAHASHI, A. R. W. Etnometodologia. In: TAKAHASHI, A. R. W. (Org.). Pesquisa qualitativa em administração: fundamentos, métodos e usos no Brasil. São Paulo: Atlas, 2013. p.159-188.

MASCARENHAS, A. O.; ZAMBALDI, F. Motivação em programas de voluntariado empresarial: um estudo de caso. In: ENCONTRO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM ADMINISTRAÇÃO, XXVI, 2002, Salvador: Anais... Salvador: ANPAD, 2002.

MASCARENHAS, A. O.; ZAMBALDI, F.; VARELA, C. A. Motivação em programas de voluntariado empresarial: um estudo de caso. Revista Organizações em Contexto, São Bernardo do Campo, v. 9, n. 17, p. 229-246, jan./jun. 2013.

MAYNARD, D.; CLAYMAN, S. E.; The diversity of ethnomethodology. Annual Review of Sociology, Palo Alto, v. 17, p. 385-418, 1991.

JIMÉNEZ, M. L. V.; FUERTES, F. C.; ABAD, M. J. S. Satisfacción en el voluntariado: estructura interna y relación con la permanencia en las organizaciones. Psicothema, Oviedo, v. 21, n. 1, p. 112-117, 2009.

MONIZ, A. L. F.; ARAÚJO, T. C. C. F. Voluntariado hospitalar: um estudo sobre a percepção dos profissionais de saúde. *Estudos de Psicologia*, Natal, v. 13, n. 2, p. 149-156, 2008.

NICOLINI, D. *Practice theory, work, & organization: an introduction*. Oxford: Oxford University Press, 2013. 2888 p.

NICOLINI, D.; GHERARDI, S.; YANOW, D. *Knowing in organizations: a practice-based approach*. New York: M. E. Sharpe, 2003. 272 p.

OLIVEIRA, S. A.; MONTENEGRO, L. M. Etnometodologia: desvelando a alquimia da vivência cotidiana. *Cadernos EBAPE.BR*, Rio de Janeiro, v. 10, n. 1, p.129-145, mar. 2012.

PENNER, L. A. Dispositional and organizational influences on sustained volunteerism: an interactionist perspective. *Journal of Social Issues*, Oxford, v. 58, n. 3, p. 447-467, 2002.

PICCOLI, P.; GODOI, C. K. Motivação para o trabalho voluntário contínuo: uma pesquisa etnográfica em uma organização espírita. *Organizações & Sociedade*, Salvador v. 19, n. 62, p. 399-415, jul./set. 2012.



A ORGANIZAÇÃO DO COTIDIANO NA ORLA DE JOÃO PESSOA:
UM OLHAR ETNOMETODOLÓGICO DA PRÁTICA DO VOLUNTARIADO

PSATHAS, G. Alfred Schutz's influence on American sociologists and sociology. *Human Studies*, Dordrecht, v. 27, n. 1, p. 1-35, Jan. 2004.

RAWLS, A. W. Harold Garfinkel, ethnomethodology and workplace studies. *Organization Studies*, London, v. 29, n. 5, p. 701-732, 2008.

TEODÓSIO, A. S. S. Mão de obra voluntária – uma proposta para gestão do trabalho social no Brasil. In: PEREZ, C.; JUNQUEIRA, L. P. (Org.). *Voluntariado e a gestão das políticas sociais*. São Paulo: Futura, 2002. p. 166-181.

WEICK, K. *The social psychology of organizing*. Reading: Addison-Wesley, 1967. 304 p.

A organização do cotidiano na orla de João Pessoa: um olhar etnometodológico da prática do voluntariado

Resumo

Este artigo busca apresentar e discutir a partir de um pressuposto de organização para além da hegemonia do conceito adotado na administração em que a palavra "organização" é entendida como um substantivo ou, ainda, é associada a um adjetivo de algo "organizado". Aqui a palavra "organização" está mais próxima da ideia de movimento, complexidade e ação, ou seja, é compreendida como um verbo associada ao entendimento de um "processo de organizar" (*organizing*) contínuo em que a "organização" é construída, perpetuada e modificada no cotidiano a partir das práticas. O objetivo principal da pesquisa foi identificar uma prática referente ao uso cotidiano da orla de João Pessoa pelos moradores da cidade e analisar de que maneira esta prática se constitui como uma organização. Para dar conta do objetivo proposto foi adotada a etnometodologia como método de pesquisa e os principais resultados do estudo evidenciam a existência de uma prática de voluntariado na praia de Cabo Branco que fomenta uma organização social em torno dela. Desse modo a pesquisa contribui para uma reflexão da ação voluntária para além da motivação dos indivíduos e promove um entendimento organizacional do voluntariado.

Palavras-chave

Organização. Prática. Etnometodologia. Cotidiano. Voluntariado.

The organisation of daily life at the promenade of João Pessoa: an ethnomethodological look of the practice of volunteering

Abstract

This paper seeks to present and discuss from an assumption of organization beyond the hegemony of the concept adopted in the business administration in which the word "organization" is understood as a noun, or even is associated with an adjective for something "organized". Here the word "organization" is closer to the idea of movement, action and complexity, ie , it is understood as a verb associated with the understanding of a continue organizing in which the " organization " is constructed, perpetuated and modified from the everyday practices . The main objective of the research was to identify a practice for the everyday use of the promenade of João Pessoa by the residents of the city and analyze how this practice is constituted as an organization. To realize the proposed objective was adopted ethnomethodology as a research method and the main results of the study show the existence of a practice of volunteering on the beach of Cabo Branco that fosters a social organization around it. Thus, the research contributes to a reflection of voluntary action beyond the motivation of individuals and promotes an understanding of organizational volunteering.

Keywords

Organization. Practice. Ethnomethodology. Everyday Life. Volunteering.

La organización de la vida cotidiana en la orilla de João Pessoa: una mirada etnometodológica de la práctica del voluntariado

Resumen

Este trabajo tiene como objetivo presentar y discutir de una asunción de organización más allá de la hegemonía del concepto adoptado en la administración en que la palabra "organización" se entiende como un sustantivo o también se asocia con un adjetivo para algo "organizado". Aquí la palabra "organización" se acerca más a la idea de movimiento, la complejidad y la acción, o sea, se entiende como un verbo asociado a la comprensión de un "proceso de organización" en curso (la organización) en que se construye la "organización", perpetuado y modificado a partir de las prácticas cotidianas. El objetivo principal de la investigación fue identificar una práctica que referirse al uso diario de la orilla de João Pessoa por los residentes de la ciudad y analizar cómo esta práctica se constituye como una organización. Para darse cuenta del objetivo propuesto fue adoptado como el método de investigación la etnometodología y los principales resultados del estudio muestran la existencia de una práctica del voluntariado en la playa de Cabo Branco que fomenta una organización social que lo rodea. Así, la investigación contribuye a la reflexión de la acción voluntaria más allá de la motivación de las personas y promueve la comprensión de la organización de voluntariado.

Palabras clave

Organización. Práctica. Etnometodología. Cotidiano. Voluntariado.

Autoria

Marcelo de Souza Bispo

Doutor em Administração de Empresas pela Universidade Presbiteriana Mackenzie. Professor Adjunto da Universidade Federal da Paraíba. E-mail: marcelodesouzabispo@gmail.com.

Irley Suellen Alcântara e Santos

Bacharela em Administração pela Universidade Federal da Paraíba. Analista administrativa da Companhia de Água e Esgotos da Paraíba. E-mail: irleyalcantara@gmail.com.

Endereço para correspondência

Marcelo de Souza Bispo. Departamento de Administração, Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Campus I, Cidade Universitária, João Pessoa, PB, Brasil. CEP: 58051-900. Tel.: (+55 83) 32167454.

Como citar esta contribuição

BISPO M. S.; SANTOS, I. S. A. A organização do cotidiano na orla de João Pessoa: um olhar etnometodológico da prática do voluntariado. Farol – Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade, Belo Horizonte, v. 1, n. 2, p. 440-485, dez. 2014.

Contribuição Submetida em 28 maio. 2014. Aprovada em 8 jul. 2014. Publicada online em 9 out. 2014. Sistema de avaliação: Double Blind Review. Avaliação sob responsabilidade do Núcleo de Estudos Organizacionais e Sociedade da Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade Federal de Minas Gerais. Editor: Luiz Alex Silva Saraiva.



REVISTA DE ESTUDOS ORGANIZACIONAIS E SOCIEDADE

NÚCLEO DE ESTUDOS ORGANIZACIONAIS E SOCIEDADE | FACE / UFMG | BELO HORIZONTE | V. 1 | N. 2 | DEZEMBRO | 2014 | ISSN: 2358-6311